



BRITTO, Jolumá. A sucursal de "O Estado". O Estado de São Paulo, São Paulo, 18 jan. 1975.

## A SUCURSAL DE "O ESTADO"

III

18-1-1975

JOLUMÁ BRITTO

Desde essa data começou a ser vendida a **Provincia** na estação da estrada de ferro Paulista. Estava, pois, estabelecida a venda avulsa em Campinas. A primeira remessa foi de dez ou quinze números — quase que ficou esgotada!

A previsão de Rangel Pestana transformou-se logo em brilhante realidade. — "a coisa tornou-se conhecida e ficou estabelecida como uma necessidade".

A modesta **Provincia** então, instalada à rua do Palácio e que se transformou no importante **Estado** de hoje, conta uma distribuição diária (a crônica é de janeiro de 1925), dentro do Município de Campinas — aos assinantes da cidade e de bairros, na venda avulsa feita nos trens das cinco linhas férreas, nas ruas e na agência, para mais de três mil exemplares. É isto uma pequenina amostra do desenvolvimento da empresa, observado neste canto da terra paulista. **O Estado** atualmente, pela ampla circulação não só dentro como fora do País, pelo valor moral que representa — conservando sempre aquela linha de correção — **fazer de sua independência o apanágio de sua força e a medida da severa moderação, sizaudez, franqueza, lealdade e critério em que se fundara o salutar prestígio a que se destina a imprensa livre e consciente.** Constitui indubitavelmente poderoso elemento, verdadeiro expoente da grandeza e do progresso desta unidade da Federação brasileira — S. Paulo".

Aqui termina a crônica de mestre Leopoldo Amaral e nossa homenagem ao jornal dos Mesquitas, cujas fundas raízes se agregaram ao solo paulista e onde o espírito do povo e da gente de Campinas permanece na grandeza de um dos melhores jornais do Universo.

### LAURIVAL JOSÉ PEREIRA DE QUEIROZ

Não sei se deveria, o que me seria fácil, referir-me mais profundamente sobre a vida na Sucursal do **Estado de S. Paulo** ao tempo em que foi seu correspondente aquele cujo nome encima estas linhas. Acredito que sim. Por isso mesmo quero me referir a que Laurival José Pereira de Queiroz sucedera a José Vilagelin Júnior, outro jornalista da velha cepa, homem de cultura invulgar e que sempre se destacou nos meios da imprensa paulista e notadamente campineira.

Laurival, campineiro de nascimento, veio à luz nesta cidade a 8 de marco de 1881, pertencente a uma tradicional família que aqui se ramificou, brilhando vários de seus membros com títulos de nobreza. Era filho do Comendador José Luiz Pereira de Queiroz, portador da honraria da Ordem de S. Silvestre. Abolicionista e republicano histórico exerceu por muitos anos a presidência do hospital dos Morféticos, o cargo de Procurador da Câmara Municipal. Sua mãe d. Francisca Benvinda Coelho de Queiroz era uma senhora de respeitáveis virtudes a exornarem-lhe o caráter.

Teve Laurival uma vida toda quase inteiramente à sua terra natal, como jornalista e professor. Logo após a criação da Escola Complementar de Campinas, viu-se nomeado para seu Secretário em 12 de dezembro de 1902. Permaneceu no posto quando o estabelecimento se transformou em 1912 na Escola Normal, posteriormente denominado Instituto de Educação Carlos Gomes, pelo longo período de 24 anos. Mesmo como secretário teve oportunidade de substituir lentes catedráticos licenciados. Em diversas fases da Escola assumiu a sua direção interinamente quando, por volta de 1928, vieram aqui buscá-lo para Diretor Efetivo da Escola Normal de Piracicaba.

Constristou-se a Noiva da Colina quando, em substituição do prof. Geraldo Alves Correa, retornou Laurival de Queiroz a Campinas para dirigir de novo a

nossa então Escola Normal, até sua justa aposentadoria em 1932. Na época houve disputas de manifestações de apreço e estima entre campineiros e piracicabanos, ambas querendo se apossar do coração de Laurival José Pereira de Queiroz. Desde a formação da primeira Escola Complementar, com 46 formados até à última da Escola Normal Carlos Gomes, num total de 8.000 professorandos, em Campinas e Piracicaba, não sofreu o menor embaçamento o fulgor da auréola de admiração que envolvia sua pessoa.

Laurival foi um jornalista de primeira água, pelo seu espírito de justiça e amor às causas da coletividade.

Editou com João Ribas d'Ávila a **Revista Contemporânea** e foi redator-secretário da **Cidade de Campinas**, ao lado dos Lobos, Sarmentos e tantos outros jornalistas de renome na cidade, além de ter sido um dos redatores do **Correio de Campinas**. Por muitos anos foi correspondente em Campinas do **O Estado de S. Paulo**, tendo por companheiros, como assinalamos, Leopoldo Amaral e José Vilagelin Júnior, substituindo a este último após sua morte na Sucursal do prestigioso órgão dos Mesquitas. Seu olhar para o porvir do Brasil se concentrou na questão social e trabalhista, sendo um dos pioneiros a ventilá-la.

Era, ainda, um adorador da terra que lhe serviu de berço a qual não quis abandonar no instante em que seu cunhado Alberto de Faria lhe acenou com o honroso cargo de Secretário da Academia Brasileira de Letras. Somente mudou-se para S. Paulo ao exigir-lhe o afeto pela família, e lá faleceu em 6 de julho de 1959.

Justo que se destaque também seu acendrado idealismo quando assestava suas vistas para o futuro da Pátria, objeto de sua preocupação a partir dos primeiros anos do regime republicano, tanto assim que ainda muito jovem chegou a participar da Convenção de Itu, histórico acontecimento do qual foi o último sobrevivente. No Círculo Operário S. José teve ocasião Laurival José Pereira de Queiroz, de externar sua opinião sobre direitos e garantias que deveriam caber às classes trabalhadoras, em palestras que funda repercussão alcançaram. Quando morreu, atrás de si perduraram as lágrimas dos seus entes mais queridos e que conservaram a recordação daquele instante e daquele homem exemplarmente bom, no excelso altar das almas de filho e de irmão.

Sua companheira de tantos anos, d. Matilde Faria de Queiroz, com a qual conviveu feliz mais de quarenta e cinco anos, não resistiu ao golpe da separação de seu amado esposo e em poucos meses foi-lhe ao encontro, em busca da luz desaparecida pela negra escuridão da ausência sentida.

Eis aí a biografia que é parte da fala do nosso querido companheiro de todo o sempre, o jornalista João Rodrigues Serra, quando da homenagem a Laurival e Alberto de Faria, que lhes foi prestada em 6 de agosto de 1963, inaugurando seus retratos na Galeria da Saudade, da Associação Campineira de Imprensa.

Aí explende, também, a sua efigie com a evocação dos exemplos que merecem ser todos e por todos seguidos, para um mundo melhor de nossos dias.

Essas palavras conscienciosas de um querido companheiro que a adversidade afastou de nosso convívio diário, mas não de nossa amizade que cresce à medida que o tempo avança, podem dar uma pálida imagem daquele com quem aprendi a admirar, ao lado de Júlio de Mesquita, Alvaro Vilagelin e Leopoldo do Amaral nos dias que o mundo vai levando no rol dos que não passam nunca na história formosa de Campinas.